

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Perelra da Silva Correia
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123 — BARCELOS

A «Indústria da Terra»

«A indústria da terra» foi sempre um dos ramos de actividade mais satisfatórios, em Portugal.

Veio a guerra. E o lavrador, longe de se intimidar, cuidou ainda mais da «indústria da terra».

Talhões de terreno virgem arrancados à aridez da serra e às encostas estêreis dos montes, passaram a ser novas terras de sementeira e a servir de plantio, a árvores frutíferas, lenhosas, arbustivas—apoz as fainas vivificantes do arado e da enxada.

O Governo, «que não esquece o vício do lavrador pela terra», deu-lhe também a sua cooperação.

Técnicos do Ministério da Economia deslocaram-se à província, onde foram prégar a «Cruzada Agronómica».

Novos ensinamentos surgiram, então, para o lavrador: aprende outros métodos de cultura; a maneira prática de iniciar a campanha da olivicultura, fruticultura, viticultura; os meios de que se pode servir para «aclimatar o clima».

E a par destas lições para o «crescimento» da terra, Jornadas Agronómicas também não esquecem o melhoramento das raças, indicando quais os reprodutores a escolher e a maneira mais adequada para futuros cruzamentos, pela selecção das «cruzas», até se obter uma raça definitiva, consoante o clima da região em vista.

Eis a traços rápidos o objectivo dos serviços especializados do Ministério da Economia—ou seja mais uma interessante modalidade da Obra do Estado Novo que assenta como todas neste princípio: «cuidar sem desfalecimento do bem estar do povo.»

E' assim o Natal português!

O reverendo pároco da minhota vila de Fafe tomou a iniciativa de promover a festa do Presépio, manifestação de puro desagravo ao paganismo nórdico do velho de barbas brancas carregando brinquedos e prendas de vestir, para a «Árvore do Natal!»

A festa religiosa terá lugar no salão paroquial, colaborando nela as crianças das escolas, catequese, juventudes, Mocidade, professores, clero e paroquianos.

O Menino-Deus receberá ali, como presente, roupas, brinquedos, géneros, esmolas—que serão distribuídos, por sua vez, pelas crianças pobres—prémios típicos de bom comportamento na escola e na catequese.

O simples enunciado da recristianização do Natal em Fafe importa um só comentário; este: *que festas semelhantes se realizem de norte a sul como exemplo magnífico do Portugal que ajoelha e resa, para conversar com Jesus!*

Este número foi visado pela

Comissão de Censura

A' Lavoura do Concelho

Quem tem, como nós, auscultado o que se passa sobre orientação a impulsionar a revolução do solo que o braço do lavrador tem de agitar, vê-se na obrigação de tomar também uma parcela desse movimento e trazê-lo para aqui, para este Campo—o jornal—onde se semeia doutrina para que se colham ensinamentos.

Sendo o Concelho de Barcelos um grande valor agrícola, considerado como um dos mais produtivos, e que sempre marcou na vanguarda do esforço, atingindo cifras de produção que o fazem marcante nas horas difíceis, valendo às insuficiências de outros, tem que não baixar de tal expoente, mesmo empregando sacrifícios.

Bem sabemos que a tais sacrifícios não correspondem, muitas vezes, amparo animador, condições a fazer compensação do que à terra se lançou, olhos fitos, dia a dia, na germinação ansiosamente esperada.

Bem conhecemos que são tão contingentes as modalidades da produção que difícil se faz a previsão do que foi calculado em regra.

Mas não se deve desanimar.

As condições do momento que atravessamos obrigam-nos a pensar, e descer ao fundo da nossa consciencia para ver que temos de cuidar da Terra, e abraçá-la com a Esperança de que ela será a nossa salvação nas horas difíceis por que todos teremos de passar.

Sem nada que nos possa vir de outrem, nem esperanças de modificação oportuna, aqueles que cuidam da Terra tem que enfrentá-la com audacia, com decisão, pensamento alevantado para a Hora Alta da vida Portuguesa, olhos cravados nos regos que sulcam o solo, e onde se lançam as sementes que virão a encher de vida os campos, os prados, as leiras, tudo quanto o braço do lavrador arroteou, de sol a sol, o suor a humedecer a fronte que raro se levantou da atracção que o prendeu todo o dia.

Este Concelho, grande é verdade, mas retalhado tanto que raros são os bocados não aproveitados, tem que revolucionar, revolver, toda a terra que se oferecer para tal, e assim vir afirmar, após essa revolução benéfica, que o lavrador do concelho é exemplar no espirito de sacrificio, querendo apenas cumprir o dever de contribuir para o equilibrio economico da Nação.

Precisam esses braços de carinho, de amparo, de estímulo, de tudo quanto seja ambiente para ele não desviar os olhos da tarefa e só os levantar para agradecer.

Porque o lavrador, alheado do que à roda de si possa agitar-se desordenadamente, se levanta os olhos da Terra que ele rega com o suor do seu rosto, ou é para pedir o ajudem no esforço gigantesco a que se entregou devotadamente, ou é para agradecer, embora tenha direito ao que ele julga reconhecimento.

E se a palma da sua mão calosa se abre em vizeira, ajustando-se à fronte humedecida pelo trabalho, é para perscrutar no longe o que ele ansiosamente espera venha colaborar no esforço para o Bem-Comum.

A Revolução da Terra já começou, arados ferem fundo e sementes lá ficam, a procurar vir aquecer-se ao Sol de dias ainda longiquos, mas que não-de chegar, ou dessedentar-se com águas que correm a cantar frescura e vida.

E' preciso continuar essa revolução, chamando para ela tudo quanto a Lavoura tem nos seus arsenais, esperando a sua vez, armas que simbolizam o trabalho, armas simples, manejadas a canticos de esperança, de alegria, não de raiva e de morte.

E' preciso, lavradores do Concelho de Barcelos, que vossos filhos vos olhem com a confiança de que preparais horas benéficas, sem clamores inúteis, para eles e para os outros que vos admiram na luta empreendida com todo o ardor e com toda a esperança.

E quando ao fim do dia, Sol já a contas com outros, vossos olhos acarinhando o fumo evolvendo-se da vossa casa, ao entrar nela, cansados do trabalho, dando graças a Deus, deveis sentir dentro do vosso peito, onde dizem viver a consciencia, uma Paz que faz dormir descansado; é a tranquilidade de aquele que cumpre o seu dever, na justeza do seu esforço.

Assim deverá trabalhar o lavrador do Concelho de Barcelos, para quem são estas linhas.

Notas de Lisboa

7 DE DEZEMBRO

Consoante o fim da campanha de produção agrícola, e o patriótico desejo do nosso Governo, pode e deve a Lavoura consagrar-se de alma e coração a produzir mais, com os olhos no interesse da comunidade. Todavia, há problemas de ordem agrológica e outros, contra os quais esbarra a Lavoura, e que a mesma já não pode resolver por si, ou sem a orientação e o concurso da ciência, qual é, na matéria, a agronómica. «Quem os há-de resolver, pois, senão os técnicos da especialidade? Aqui temos a razão que, integradas na campanha de produção agrícola, se estão a realizar, como o ano findo, as *Jornadas Agronómicas* a que os jornais têm feito referência.

São elas reuniões de estudo da solução dos problemas agrários da nossa terra, conforme a constituição do solo, o clima e demais factores que influem na produção agrícola—e tudo com o intento de renovar a Lavoura nos seus processos de trabalho, e de, ao mesmo tempo, como efeito disso, torná-la menos empírica, e mais rendosa, para bem da Nação. Acode aqui citar o Chefe, que, não há muito tempo, declarava não existir problema económico ou de produção que não fôsse, em nossos dias, problema do Estado, da sua competência e intervenção. E' isto, por outras palavras, como também Salazar então o declarou, *a necessidade moderna de organização de tudo, e em toda a parte*, e que entre nós é a organização corporativa; no caso da Lavoura, organização corporativa económica e social, e técnica, mediante os ditames da ciência respectiva. Tanto como qualquer outro ramo de actividade de interesse nacional, também a Lavoura, num país que vive quasi só dela, como é o nosso, se não pode excluir da regra dos nossos dias:—a regra da organização, senão absorventemente imposta pelo Estado, orientada ao menos por ele. Considere a Lavoura esta verdade, na qual está o seu progresso, tanto para seu interesse, como para o da Grei; e, na hora presente, obrigada como é a *produzir mais e melhor*, faça-o que é garantir o pão de todos nós, e a paz social.

* * *

Celebrou-se, em todo o País, o *Dia da Mocidade*, ou seja o 1.º de Dezembro, com as devidas comemorações patrióticas e solenes. Duas razões para que há anos se escolhesse como dia da festa anual da *Mocidade Portuguesa* o 1.º de Dezembro:—nesta data se festeja a Restauração e, com ela solenemente afirmamos a nossa vontade inquebrantável de independência; sendo a *Mocidade Portuguesa* o Portugal de amanhã, é ela que há-de continuar essa vontade, herdada de nós. Portanto, numa festa se integra a outra perfeitamente, com absoluta lógica, e verdade; e assim o havemos de compreender.

Afora isso, ainda temos de ver que a festa da Restauração traduz, com a nossa vontade eterna de independência nacional, a nossa vontade eterna de continuar, no Mundo, a missão histórica a que Deus nos chamou, desde há oito séculos:—só livre senhor dos seus destinos, governados por si próprio, aqui na Península, como nas redonde-

Socôrro do Natal

Instituído o ano passado, o «Socôrro do Natal» (destinado a socorrer com alimento, agasalhos e outras formas de auxílio, durante a quadra do Natal e Ano Bom, as famílias mais carecidas desta assistência) representou um movimento importante de solidariedade social traduzido, por exemplo, nos 338.593\$01 que os donativos e subsídios recolhidos totalizaram em Lisboa; 27.892 foram as famílias socorridas com alimentação, tendo-se distribuído 6.496 artigos de agasalho e resgatando-se 8.872 peças empenhadas—apenas na capital.

Se, no primeiro ano de existência, a organização deu tão animadores resultados, justo é esperar que este ano todos redobrem de esforços no sentido de alargar cada vez mais o âmbito da iniciativa. A realização do Socôrro do Natal em Lisboa, atrás documentada em números expressivos, é um exemplo a seguir em todo o país.

Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca

Na passada segunda-feira, passou o 78.º aniversário natalício do nosso ilustre conterrâneo sr. Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, grande benemérito das instituições de beneficência e caridade de Portugal e do Brasil.

Na igreja da Misericórdia, o Rev.º Cônego-Prior Joaquim Alexandre Gaiolas celebrou uma missa por alma da saudosa esposa e dos bondosos pais do Grande Bemfeitor.

A missa foi mandada celebrar pela Administração da Misericórdia e teve a assistência das forças vivas locais e muito povo.

Durante a missa o Rev.º Arcipreste rezou o terço e no fim houve a bênção do SS. Sacramento.

Findas estas cerimónias religiosas foram distribuídas esmolas de 50\$00 a 200 pobres de Barcelos e do concelho escolhidos de antemão por uma comissão indicada por S. Ex.ª

—«Notícias de Barcelos» faz votos para que Deus prolongue a vida do grande Benemérito das casas de caridade desta cidade ainda por dilatados anos.

Novenas do Natal

Nos templos desta cidade principiaram ontem as tradicionais novenas do Natal às seguintes horas:

- 6,30—Na igreja Matriz.
- 8—Na capela de S. José.
- 9—Na creche de Santa Maria.
- 17—Na igreja do Recolhimento.
- 18,30—Na igreja do Senhor da Cruz.
- 20,30—Na igreja de St.º António.

DOENTE

Tem estado gravemente enfermo o nosso amigo sr. tenente Júlio de Faria. — Fazemos votos pelas suas melhoras e por um breve restabelecimento.

CAPRICHOS

O capricho é um sentimento voluntarioso, desviado por instantes—curtos ou longos—da normalidade do raciocínio.

Sempre que no nosso íntimo se avoluma um determinado objectivo, e consegue projectal-o vivamente no caminho da realização, sem ponderar a normalidade da justeza, temos em acção o capricho, arredando o equilíbrio para se lançar no defenido, embora sem a clareza do raciocínio calmo.

Ha caprichos que irritam, agitam desordenadamente os nervos porque eles nada tem a justificá-los, ou antes, a atenuar a violencia da sua origem.

Vibram tão intensamente que depressa esgotam e fazem entrar em larga e profunda reflexão, com decisão criteriosa, diluindo a exagerada vibração.

Mas ha outros caprichos que, de futeis e flocoços, sem consistencia que justifique o seu estatismo, causam dó, ferem a tranquillidade de raciocínio.

Temos ainda de aquilatar pelo ser onde ele evolue.

O Homem, mais forte no dominio dos seus nervos, não é tão acessível ao capricho: e se algumas vezes ele se instala na dialectica da sua vida em equação simples, ele rapido se esfuma e se dilui, confunde-se com a normalidade do ambiente em que decorre, não vinca tão fortemente os sulcos onde se desenvolve.

Na Mulher, terreno de cultivo intenso de sentimentalismo, nervos que vibram ao mais leve agitar do meio onde se enleiam, oscilante á mercê—quantas vezes—de impressionalidades fátuas, a Mulher é, sem duvida, mais propensa ao dominio do capricho.

Quando ele domina toda a vibratibilidade do seu espírito, impelindo a visibilidade do seu raciocínio para aquilo que o atrai e absorve inteiramente, nada ha que possa desviar o trajecto de tal obsessão, por mais obstaculos que a reflexão deseje opor ao ruir das linhas que formam a belesa do raciocínio integral.

O Homem, embora raro seja flagelado por tal impulso de irreflexão, rapido retoma o equilibrio e regressa á calma da clareza.

Mas nós, Mulheres, deixamo-nos impregnar mais facilmente por tal fluido deleterio e que muito nos dilacera e mortifica ao abandonal-o.

Ha caprichos que nos levam á exaltação maxima de uma ideia julgada certa; mas os Homens não, são mais frivolos, raros se deixam dominar por uma irreflexão brusca.

Caprichos de Mulher!

São sempre objecto de estudo; e a mim, Mulher como as outras, com Alma e Coração, servem-me muitas vezes de analyse.

Passam junto de elas azas abertas de ternura e meiguice ou rajadas violentas de paixão, e o capricho emudece-as, não querendo ver nem ouvir.

Caprichos de Mulher!

Quantas vezes esses caprichos se sepultam em caixões cheinhos de flores as mais lindas; saudades, as mais sentidas, forram o negrume eterno onde vão diluir se.

Caprichos de Mulher!

Maria

FALECIMENTOS

D. Ana da Silva Neiva

Confortada com todos os Sacramentos da Igreja faleceu no passado domingo ás primeiras horas da manhã, na sua casa da vizinha freguesia de Abade de Neiva, a Sr.ª D. Ana da Silva Neiva.

A extinta, que contava 80 anos, era viuva do saudoso Joaquim José da Silva Neiva, mãe querida da Sr.ª D. Laura da Silva Neiva e Santos e dos Srs. Avelino e Alberto da Silva Neiva e sogra do Sr. Adelino Lopes dos Santos, socio da firma Santos & Silva, Successores do Porto.

O seu funeral realizado na 2.ª feira na parochial daquela freguesia constituiu uma grandiosa e comovente manifestação de pesar e saudade pela inesquecível saudosa.

A chave do caixão, que ficou depositado em jazigo de familia, foi conduzida pelo Sr. Joaquim José Neiva dos Santos, neto mais velho da saudosa extinta.

No proximo sábado pelas 10 horas será celebrada, na Parochial de Abade de Neiva a Missa do 7.º dia e a Familia convida as pessoas amigas o assistirem a este acto religioso do que se confessa antecipadamente agradecida.

—Na cidade do Pôrto, onde se encontrava acidentalmente, faleceu a sr.ª D. Custódia da Apresentação Vieira de Azevedo e Sousa, de 54 anos anos de idade.

A saudosa senhora era esposa do nosso amigo e conterrâneo sr. Joaquim Gomes de Sousa, comerciante da cidade de Braga e cunhada dos também dos nossos amigos e conterrâneos srs. Avelino Gomes de Sousa, considerado negociante desta cidade e José Gomes de Sousa, Mesário do Hospital da Misericórdia e negociante em Barcelinhos.

—No último domingo, nesta cidade, faleceu a sr.ª D. Joana da Costa Teixeira, de 69 anos de idade, mãe do nosso amigo sr. José Teixeira, conhecido jornalista desportivo e que por diversas vezes tem dado a este semanário a sua valiosa colaboração.

O seu funeral, com grande acompanhamento, realizou-se na tarde de segunda-feira da sua residência para o cemitério municipal.

—Em Arcozêlo, apenas com 19 anos de idade, faleceu o sr. Manuel Dantas Correia, filho do nosso amigo sr. Amândio Fernandes Correia, negociante.

—Nesta cidade, com a idade de 71 anos faleceu ante-ontem o sr. Joaquim José da Costa, antigo proprietário do «Bar da Gruta».

O seu funeral, da sua residencia para o cemitério municipal, efectuou-se na tarde de ontem.

—Tambem faleceram nesta cidade os snrs. José Pimenta, caiador, de 32 anos de idade e Manuel José Ferreira, hábil encadernador e tipógrafo, de 52 anos de idade.

—«Notícias de Barcelos», a tódas as familias enlutadas, envia as suas mais sentidas condolências.

Donativo

Para distribuir pelos pobres protegidos por este semanário recebemos da familia da saudosa sr.ª D. Ana da Silva Neiva o donativo de 25\$00.

Agradecemos em nome dos pobres contemplados.

FOOT-BALL

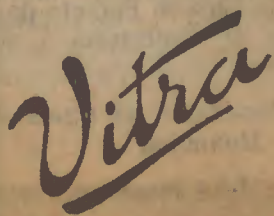
DOMINGO, 20

A'S 15 HORAS

Leixões S. C. do Pôrto

CONTRA

Gil Vicente F. Club



Famosas meias de cristal, carvão, água, e ar comprimido. Mais lindas do que as de sêda, e três vezes mais resistentes.

A' VENDA EM BARCELOS: CASA AGUIAR

